



Volume V - vencedor na modalidade poesia

Felipe Fiuza  
**Ucideia**





Volume V . vencedor na modalidade poesia

Felipe Fiuza

# Ucideia

 **EDUFES**

Vitória, 2021



**Universidade Federal  
do Espírito Santo**



**Editora Universitária – Edufes**

Filiada à Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514  
Campus de Goiabeiras  
Vitória – ES · Brasil  
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852  
edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor**

Paulo Sergio de Paula Vargas

**Vice-reitor**

Roney Pignaton da Silva

**Chefe de Gabinete**

Zenólia Christina Campos Figueiredo

**Diretor da Edufes**

Wilberth Salgueiro

**Conselho Editorial**

Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade, Eneida  
Maria Souza Mendonça, Fátima Maria Silva,  
Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena Freire  
Martins, José André Lourenço, Marcelo Eduardo  
Vieira Segatto, Marcos Vogel, Margarete Sacht  
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Sandra Soares  
Della Fonte, Sérgio da Fonseca Amaral

**Secretaria do Conselho Editorial**

Douglas Salomão

**Administrativo**

Josias Bravim  
Washington Romão dos Santos

**Seção de Edição e Revisão de Textos**

Fernanda Scopel, George Vianna,  
Jussara Rodrigues, Roberta  
Estefânia Soares

**Seção de Design**

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,  
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

**Seção de Livraria e Comercialização**

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,  
Marcos de Alarcão, Maria Augusta  
Postinghel, Maria de Lourdes Zampier



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

**Preparação de texto**

Fernanda Scopel

**Projeto gráfico e diagramação**

Juliana Braga

**Capa**

Willi Piske Jr.

**Revisão de texto**

Jussara Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

F565u Fiuza, Felipe de Oliveira, 1982-  
Ucideia [recurso eletrônico] / Felipe Fiuza. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2021.  
109 p. - (4º Prêmio Ufes de Literatura ; v. 5)  
ISBN: 978-65-88077-16-0  
Também publicado em formato impresso.  
Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>  
1. Poesia brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-1

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

Esta obra foi composta com  
as famílias tipográficas PT Sans e PT Serif.

## Literatura e universidade

A iniciativa de produzir textos literários é um gesto de criação artística movido pela força inventiva da sensibilidade, do conhecimento, de técnicas e vivências de cada autor. Nesse universo de criatividade, o Prêmio Ufes de Literatura torna-se uma ação importante consolidada na Universidade Federal do Espírito Santo. É uma ferramenta que impulsiona a criação literária e estimula a produção de textos em diferentes faixas: poesia, conto, crônica, romance, dramaturgia, literatura infantil e literatura juvenil. Em sua quarta edição, o Prêmio é referência para escritores veteranos e iniciantes da produção literária, contemplando públicos diversos, de todas as idades – de crianças a octogenários.

Para além do universo regional, o Prêmio atrai a atenção de participantes de muitos lugares. Em sua atual edição, alcançou o recorde de participações – 683 originais inscritos. Enviaram seus trabalhos escritores de 24 estados brasileiros e de nove países de quatro continentes. Vale o registro de que a nossa Universidade sediou as edições mais recentes da Feira Literária Capixaba, apontando para uma consistente política cultural que valoriza a produção regional e estimula a formação de novos leitores. Com o Prêmio Ufes de Literatura, a Universidade reafirma suas potencialidades para também fomentar a produção literária.

O concurso é organizado pela Edufes, que em sua produtiva trajetória de 24 anos possibilita maior visibilidade à produção acadêmica da Universidade e oferece fundamental contribuição para o compartilhamento do saber. Após terem a qualidade de seus trabalhos reconhecida e aceita em um concurso

de tamanha dimensão, creio que todos os participantes desta edição do Prêmio estão plenamente motivados a dar continuidade ao ofício da produção literária. A comunidade universitária, certamente, sente-se orgulhosa pelo trabalho de excelência desenvolvido pela competente e criativa equipe da Editora da Ufes. Parabéns a todos os participantes do Prêmio, aos escritores vencedores e, especialmente, à Edufes e às comissões julgadoras e de organização pela bem-sucedida realização.

***Reinaldo Centoducatte***

*Reitor*

## Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Editora da Ufes deseja colaborar com tal gesto, realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quarta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreados ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do IV Prêmio Ufes de Literatura – 2019/2020.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades. Foram 683 originais inscritos nas seis categorias: 213 em Poesia, 156 em Contos e crônicas, 140 em Romance, 79 em Literatura infantil, 56 em Dramaturgia e 39 em Literatura juvenil. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da li-

teratura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos seis contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil (24, exatamente), além de 23 inscrições vindas de vários países (Angola, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão, Moçambique, Portugal). Os lugares onde residem os seis escritores contemplados dão bem a mostra da diversidade de que se reveste o Prêmio: Brasília (DF), Criciúma (SC), Franca (SP), Recife (PE), São Paulo (SP) e Tennessee (EUA). Outro dado relevante nos diz que houve participantes entre 9 e 84 anos que colocaram suas obras para a apreciação das comissões, sinal de que a literatura se parece àquela quadra de João Cabral em “Menino de engenho”, de *A escola das facas*: “Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se.” – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos, isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio desse porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora da

Ufes, decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Agradeço, então, de modo sincero e comovido, aos colegas & servidores públicos da Edufes: Douglas, Josias, Tânia, Washington (setor administrativo); Fernanda, George, Jussara, Roberta (setor de revisão); Ana Elisa, Juliana, Samira, Willi (setor de *design*); e Adriani, Augusta, Delu, Dominique, Marcos (setor de comercialização): valeu, valeu mesmo!

Em tempos obscurantistas e regressivos, de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

***Wilberth Salgueiro***

*Diretor da Edufes*

# Comissões

## ***Membros da Comissão Organizadora:***

Douglas Salomão (Edufes)

Fernanda Scopel (Edufes)

Wilberth Salgueiro (Edufes)

## ***Membros da Comissão Julgadora da modalidade Contos e crônicas:***

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)

Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)

Rafaela Scardino (Ufes)

## ***Membros da Comissão Julgadora da modalidade Dramaturgia:***

Andréia Delmaschio (Ifes)

Leni Ribeiro Leite (Ufes)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

## ***Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura infantil:***

Gabriela Rodella (UFSB)

José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Paulo Roberto Sodré (Ufes)

## ***Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura juvenil:***

Benedito Antunes (Unesp)

Fabiane Verardi (UPF)

Maria Amélia Dalvi (Ufes)

***Membros da Comissão Julgadora da modalidade Poesia:***

Diana Junkes (UFSCar)

Raimundo Carvalho (Ufes)

Susana Souto Silva (Ufal)

***Membros da Comissão Julgadora da modalidade Romance:***

Fabíola Padilha (Ufes)

Flávio Martins Carneiro (Uerj)

Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

# Premiados

## **Modalidade Contos e crônicas**

*Ruínas*, de Lúcia Nascimento (São Paulo)

## **Modalidade Dramaturgia**

*Sentença*, de Eduardo Aleixo Monteiro (Pernambuco)

## **Modalidade Literatura infantil**

*As cores de Tó*, de Flávia Ribas (Distrito Federal)

## **Modalidade Literatura juvenil**

*As matrioskas*, de Cristiane Dias (Santa Catarina)

## **Modalidade Poesia**

*Ucideia*, de Felipe de Oliveira Fiuza (Estados Unidos)

## **Modalidade Romance**

*A filha de Mrs. Dalloway*, de Vanessa Maranhã (São Paulo)

*Para Brunella, João Lucas e Gabriella  
Sem os quais, pois é,  
Não há poesia*

*Ucides cordatus* possui carapaça de coloração que varia do azul-celeste ao marrom escuro, de patas lilases ou roxas, quando na fase juvenil, e de cor ferruginosa ou marrom-escuro depois de adulto. É encontrado em mangues, desde o estado da Flórida até o sul do Brasil. É uma das espécies mais comuns nos manguezais da costa atlântica ocidental. O termo “uçá” vem do tupi *u’sa* (caranguejo).

## Prefácio

Qual é a língua de um livro? A que literatura ele pertence? É mesmo um acontecimento nacional? Essas perguntas parecem presas a um período da cultura em que o Estado-Nação dominava o entendimento das vidas e dos corpos, passando aí a dominar também os modelos possíveis das estéticas e, portanto, das poéticas. Nesse mundo, o hibridismo ficava de lado, como anormalidade, algo que escapava ao cânone e à teleologia da história. Hoje vemos que o exílio – por eleição, por expulsão, por trabalho, por fuga desesperada – se tornou um lugar-comum não só nas culturas ocidentais, mas no globo: vivemos entre retirantes rurais que migraram para as cidades e assim fizeram-nas metrópoles, vivemos entre refugiados deste e de outros continentes; nós mesmos trocamos de países para estudos, chances de vida, experimentos, salvação etc. Felipe Fiuza, este poeta e meu amigo, é um caso exemplar: brasileiro que mora há bons anos nos Estados Unidos para lá dar aula de espanhol.

O trilinguismo nesta poesia não pode ser, afinal, afetação literária de erudição – não que esta lhe falte –, mas construção da própria vida, atravessada por línguas e culturas. Do mesmo modo, as travessias encontram modos poéticos variados, do devaneio afetivo ao experimento visual, do tom satírico ao melancólico, muitas vezes com passagens abruptas entre um polo e outro, que podem nos desconcertar. Mais especificamente, a agudeza lírica de Fiuza está em olhar o mundo fragmentado fragmentando as suas próprias linguagens, ou melhor, em deixar que os afetos de cada língua e poética lhe sirvam de ponto de escrita, pensamento, vida, para daí transbordar ao texto que agora vemos.

Esta *Ucideia* é sua própria viagem de caranguejo capixaba em outras margens, bicho híbrido de mangue e mar, lama e areia; prato estranho e fino daqueles que o comem cozido vivo na água pra depois quebrá-lo a mão e marretinha, sentindo as vísceras correrem pelos dedos com tempero. Isto que temos aqui, como na poesia de Walt Whitman, é um homem, porque não pode ser uma coisa só. Como se poderia esperar de uma estreia feliz, é o caminho percorrido entre derivas, que por sua vez deriva numa abertura por caminhar.

***Guilherme Gontijo Flores***

*Poeta, tradutor e professor da Universidade Federal do Paraná*

## Apresentação

Felipe Fiuza é poeta há muito tempo, desde menininho provavelmente. Mas somente agora com esta coletânea de título incomum, quase cacofônico para os desavisados, *Ucideia*, esse guaiamum resolveu deixar o aconchego do buraco no mangue e partir para a andada. Porém não sem antes deixar o conforto da sua ilha, da sua língua, de comprometer-se com juramentos mil de fidelidade, e partir, tal qual Deolindo Venta-Grande, em viagem de instrução, e, como bom filho dessas terras capixabas, tornar a elas para sua noite de almirante.

Ler, ou melhor, degustar *Ucideia* é percorrer as (e perpassar pelas) entranhas filosóficas desse caranguejo metido a poliglota, antes, metido e poliglota, em sua jornada até o ponto de partida, que já não existe, que já não está lá, apesar de lá estar. A menor distância entre dois pontos nem sempre é a melhor, e a geodésica de Felipe Fiuza – na qual mergulharão leitores e leitoras que se atreverem a destampar essa panela quente e pegar com as mãos, com as pontas dos dedos, a poesia – comprova tal máxima.

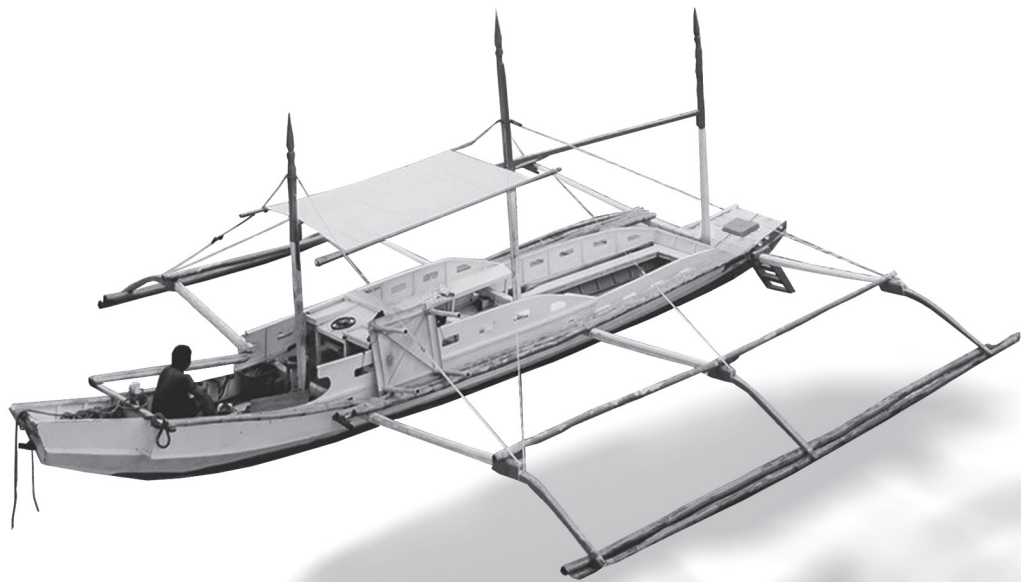
*Ucideia* é um livro que conta uma história por meio de várias histórias que são a mesma história. Engana-se quem achar que o autor é o personagem-prato principal dessa caudalosa panela de caranguejo. O que se pode saborear são as nuances do estranhamento, do embate diário com o outro, com o de lá, e com o de cá e, principalmente, com o eu. Tudo isso tendo como ponto de referência essa joia escondida, de propósito, que constitui a cultura capixaba e que nela também se constitui, afinal de contas *Ucideia* é um ato sacro de louvor à cultura espírito-santense e à ilha de Vitória em sua com-

pleição topográfica e de capital – equiparada, no projeto poético do livro, a tantas outras cidades do ocidente –, que engloba séculos de amalgamação, nem sempre harmoniosa, é claro, de culturas e costumes locais e oriundos de outras latitudes e longitudes.

No entanto, para chegar a essa poesia, os leitores e as leitoras têm de estar dispostos a pôr mãos à obra, porque caranguejo não se come sem fazer esforço, sem quebrar a carapaça, sem fazer bagunça, sem se lambuzar. Uma poesia construída sobre modelos, claro, mas que vem quebrada à força de martelinho, e, separadas as cascas a um lado, não sobra nada porque, assim comendo a poesia de dentro, não se percebe a outra poesia, a que está nas cascas amontoadas no pratinho, dura, com ritmo e sonoridade do ato de comer caranguejo, cuspidando uma palavra aqui e outra ali, chupando um verso aqui, limpando com a ponta do dedo uma rima que escorre pelo canto da boca, para depois chupá-la das pontas desse mesmo dedo, às vezes arranhado pelas lascas, pelas cascas, bagunçando nossas convicções e paladares poéticos.

***Paulo Dutra***

*Professor da “The University of New Mexico”*





## Ruta

- Descaminho • 23
- É agora, José • 24
- La mar y el maíz • 25
- Sermón de la Montera • 26
- Mar&Cia • 29
- EspOrro • 30
- De partidas e de ares • 31
- Defeso • 32
- Our Lady of the rock • 35
- Ayrton Senna • 36
- De apalaches y capixabas • 38
- Derrota • 40
- One fish, dos peces • 41
- Aula • 43
- Agua de zinc • 44
- Gargântua • 46
- Conversa fiada • 47
- Obituário de uma cidade • 48
- Vertigem • 49
- Freezing Freiburg • 50

Pray of exile • 51
Cambio climático • 53
Brás • 55
Quasimodo:quasemudo • 56
Itaúnas • 57
Lambari • 59
Rio de Janeiro • 62
Puerto Iguazú • 65
Laguna de Cocinetas • 67
Panamá City • 69
De Vitória a Barranquilla • 71
Recife • 73
Coatzacoalcos • 75
Guarapari • 77
Folhas de eucalipto • 79
Blue Plum • 89
New Orleans • 90
Chicago • 93
New York • 95
Phoenix • 97
Houston • 98
Washington D.C. • 100
De volta à Ithaca • 103

## Descaminho

Toleima: imigrantes somos todos,  
ou ninguém,  
nenhum.

Lá vou eu, lá vão todos – um dia volto, pai.  
Mas vou sem Ita, sem mar,  
porque minha Odisseia é a seco.

“Teu Tataravô alemão foi passear na  
Espanha e gostou do nome Concha, por  
isso batizou a tua bisa assim e  
eu botei na tua mãe.”  
10 anos de terapia por causa dele.

Todas as ruas têm placas. Todos sabem  
seus nomes. Só eu preciso de referências  
enquanto ando  
cambaleio.  
pra não me perder

## É agora, José

José qué  
    é  
botá  
    o bloco na rua.  
Não quer saber  
    qual vai ser  
a nova fantasia  
    da Marquês.  
Mas não aprendeu  
    com qualquer um...  
O lance ali é Jorge  
    sentou praça na  
cavalaria.  
    E eles sim  
bem sabem  
    que na favela,  
com chuva,  
    com sol,  
o holocausto é todo dia.

## La mar y el maíz

Mis compañeros capixabas viven  
en la ciudad sol, isla sin maíz  
– y muy pocos se dan cuenta  
de esa ironía. En Vitoria, la mar sabe,  
es decir, se acuerda, de los maizales  
y por eso los imita, espejada.  
Nadie comprende lo que dice, nunca,  
porque la imaginan siempre callada.

No hay tampoco maíz en Indianápolis,  
que lo rodea, isla de tierra en el campo.  
Sus ciudadanos tampoco se dan cuenta,  
pero aún echan de menos la mar.  
Desde que marcharon hacia el oeste  
la creen inalcanzable, aislada.

## **Sermón de la Montera**

Un vate camina hacia la montera  
como si no fuera

a morirse pronto  
y llegando allí dice:

bienaventurados los que se enamoran  
    en Madrid  
porque hay parques  
    dónde Príapo les va a esperar.

Sus ninfas se llevan  
    a la gente,  
en sol sin re,  
    do ni fa,  
hacia la Sol.  
    Ahí, sin prisa,  
sí, buscan puertas.

Pero cuando se quedan  
    huérfanas de espacio,  
cogen, otra vez,  
    un puesto al Sol  
donde se hacen ver.

El sol se las nota  
antes que a todos  
los que allí pasan.

Por eso se abre y las abraza  
ya casi en brasas.

Por eso se les rompe la piel,  
ese oso madroño.

Por eso se callan, con miedo,  
al pasar por Callao.

Déjate de sueños sin contexto,  
villa-corte:

hay que quitarse a la Cibeles  
y a su Neptuno.

La Montera, la Sol, tus parques  
son los dioses verdaderos.

## Mar&Cia

Essência de mangue engarrafada  
    pra jogar no cangote, afrodisíaco,  
com a falsa areia monazítica.  
    Isso dá um bronzeado de terceiro  
grau, contato imediato alienígena.  
    A tarde não é estática e cada grão  
de areia acolhe com seu ardor.  
    No kioske quem reina é o peroá,  
a Brahma gelada, e a água mal-lavada.  
    No final da praia sobe a maresia  
que se mistura à fumaça do porto  
    de Tubarão. E na avenida do Dante  
estuprador as Aracelis da limpeza  
    de cada dia esperam o seu Transcol.

# EspOrro

Flor, flor

Teu pólen me faz

EspIrrar

## De partidas e de ares

Há coisas que não cabem na mala:

O barulho das ondas quebrando em Camburi,

O ar com pó de minério (arnério tipo A)

Versos e sons que esqueci bebendo Brahma...

O que eu aprendo da mala:

O desmedir espalhado da hora,

O espelhar desventurado do vento.

O que a mala sim aprende de mim:

Que ainda oca, vazia, inútil, empoeirada,

Ela é – inexorável.

E, ainda, leva, sempre, tudo (esquecimento).

## Defeso

O caranguejo, Augusto, sai da lama.  
Nasce o sol no mangue, matracas soam.  
O herói, cambaleante, vai andando  
meio de lado, assim, bem elegante.  
Bom como o cheiro de cerveja, forte,  
buscara a noite inteira carangueixas,  
de família, tentando a casa, o lar.  
Falou, falhou, raiou, ficou: carrancudo.

Manco era, incompleto e acanhado,  
só tinha a puã menor, coto, mirim.  
Sariema, talvez por isso, preferiu,  
– depois de jurar, por um vero instante –  
outro, carapaça, guaiamum-açu,  
um caranguej’unço, enorme, de cruz.  
Decidira, então, buscá-lo e vingar-se  
(que caranguejo tem mesmo é antena).

Encontrou-o lutando, puãs abertas,  
ele e todo o bando, irmãos de sangue azul,  
que resistiam a um gigante deformado  
de puãs de cinco pontas, um enorme Briareu.  
Acontece que o tal crustáceo amante,  
brioso, decidiu, então, impressionar aos  
seus, enfrentando o monstro, solo, solto,  
sem os demais que se juntavam pra atacar.

Augusto olhou, rápido, em direção  
a sua Genoveva – que não ficara  
a tecer nada porque era invertebrada –  
e se encheu de coragem de crustáceo.  
Pantagruel, impávido colosso,  
seguia agarrando-os, indiferente.  
Colhia-os, como se fossem batatas,  
vencedor. Lambia os beiços, guloso.

O preterido viu, pois, a chance máxima:  
redimir-se por combate, ou morrer-se –  
desexistir-se, descansar, sem fim.  
O manco, num pulo só, se interpôs  
entre a caranguejada e o gigante.

O nosso Ucides, rápido, se esquivou  
da mão esquerda do desengonçado,  
sem aquela leveza, o andar de lado.

Os demais, com a distração, fugiram,  
inclusive a Sariema, de puãs dadas.  
Augustus, cordato, foi logo ensacado,  
sem eira nem beira, pernas pra cima.  
Ao gigante não lhe importava o coto  
e o herói terminou escaldado na panela.  
Genoveva, no entanto, naquela noite,  
filosofou: se manco, por que valente?

## Our Lady of the rock

Our Lady of the rock is our own  
Our dear Lady of the rock  
Our Lady of the rock is our home  
Our dear Lady of the rock  
Our Lady of the rock is alone  
Our dear Lady of the rock  
Our Lady of the rock is hidden  
Our dear Lady of the rock  
Our Lady of the rock is locked away  
Our dear Lady of the rock  
Our Lady of the rock is unknown  
Our dear Lady of the rock  
We need to take it down  
We need to free our Lady  
It must be placed close to the water  
Next to our dear Lady Yemanjá  
So she can become her own Lady  
Without walls, without rocks

## Ayrton Senna

Ontem choveu à brasileira

E ninguém viu as lágrimas

Que corriam, derrapavam,

Pelas bochechas minhas de minha mãe.

Aula de redação – professora Verinha:

Você quando crescer, vai ser o quê?

Rafael vai ser médico, como o pai

Reinaldo, dentista, como o pai

Álvaro, empresário, como o pai

Todos eles. Todos, todos. Como o pai.

Pai, você é o quê?

Piloto de kart

Vendedor de sanduíche natural

De salada de fruta

De bolsas e pastas de couro

De lista telefônica

Dono do jornal “O poste”

Publicitário

Diretor de marketing de TV

Garimpeiro

Amigo do Nelson Piquet,

Do Roberto Pupo Moreno

“Tomei whiskey com Roberto Carlos

No gargalo”

Hey, presta atenção,

menino

Cadê tua

redação?

Tá aqui, Fêssora.

Eu

Eu vou ser poeta

Poeta como papai.

## De apalaches y capixabas

Dos palabras

Indígenas

De pueblos

Que nunca

Se hablaron

Pero que todavía

Se usan

En tertulias

Sobre sitios olvidados.

Los que se las inventaron

A esas dos palabras-hechizos

Ya no se encuentran

En ninguna parte

Quizás si supieran

Que un día esos nombres

Se usarían

Con orgullo

Por los tataranietos de aquellos que se les estaban matando  
Se quedarían callados  
Para negarle al enemigo  
El gusto de conocer sus secretos

## Derrota

U'sa vai não vai

Vai e volta

Tropeça, cai,

Perde a rota

Sente falta

Do sal, da idade

Respira

Transpira

(Espirra)

O

Do c-h-e-i-r-o

Mangue

A Universidade

As curvas

De Jurema

Se vencer é subir,

Voltar seria perder?

## One fish, dos peces

If you must write a poem

    Please don't start with a rhyme

Rather

    Stare at a word until you break it

Into tiny

    Little

P

    i

        e

            c

                e

                    s

In such a way that each sound

    Becomes a fish

Swimming in the ocean of languages

    Hear what each fish has to say

It will not be hard

    (Peces are LOUD once you pay attention to them)

I don't have all the pieces

To this puzzle called life  
And I deeply rely on the fish that I get to know

Measurements might kill the fish

By trapping them  
Behind illusionary walls

Remember:

There are no walls in the ocean

All fish are free!

Para los peces no hay camino

Se hace camino al nadar

Aunque sin dejar huellas

Aunque se pierdan en la mar

Mismo sin tener piedra ninguna

Even without a proper plural

For two fish

The fact is there is more than one fish

Aunque no todos hablen pez.

## Aula

A professora entra na aula do IC (ou IRC)  
– casos em que usa o pseudônimo de NiNick.  
Vai refletindo os mores da profissão, os típicos,  
encara os estudantes com olhos oblíquos.

Suspira. Coloca os livros na mesa, e a bic,  
azul, ao lado. “Nus, fêssora, cê tá chic  
nessa roupa aí.” Tenta ignorar os analíticos  
comentários revirando olhos fatídicos.

Senta-se. “Bom dia. Então, como sabem, na próxima  
sexta, pré-feriado, tem uma prova ótima  
do *Ensaio sobre a cegueira* do Saramago.”

“Professora, isso só prova essa tua tóxica  
visão comunista.” É. “Olha, gostei da lógica:  
todos farão a prova co’os olhos vendados.”

## Agua de zinc

Las gotas se caen  
    en el techo de zinc  
Y el ruido que hacen  
    embala el sueño  
Y le hacen a uno  
    sentirse contento  
Porque el techo le enlaza  
    con amor.

El zinc le ayuda  
    a respetar  
la lluvia,  
    el agua,  
    la mar.

Nadie conoce la fuerza del agua  
Si todavía no ha vivido bajo un techo de zinc.

Cada gota es un mundo en si misma.  
Cada gota es una respiración.  
Cada gota es  
Una gota.

Los niños concebidos  
Bajo ese techo mágico  
Son los hijos más fuertes  
De Latinoamérica  
Porque, en secreto,  
Se beben el agua santa, maná del cielo, que se les cae por los agujeros  
en la boca.

## Gargântua

Abadás de papel machê e alumínio  
pra brilhar e amassar rapidamente.  
(O cordeiro marcha consciente  
da crucificação que se aproxima).  
O bloco se move uníssonos, polifônico.  
Os Orixás são permitidos só na areia,  
deslocados, com suas galinhas, todas pretas.  
Já morreu, em seu jardim, vai lá atrás.

O trio de marlins, travestidos, Penha  
adentro, Penha afora. É vital que a lavagem  
desse triângulo, amoroso, seja feita  
enquanto tô bebo. Ficamos (nós ou nós?)  
cem bocas convergentes numa noite.  
Fim. O espasmo: porra, mijó, cerveja,  
que inundam tudo desde o Tancredão  
a Camburi. E Vitória se veste de Paris.

## Conversa fiada

Versos baratos, boteco sem lucro,  
(mais cerveja e sinuca que baratas)  
sento numa cadeira de terciopelo verde –  
presente do lixo de meados de maio.

Desde aqui escuto, forçadamente,  
as tuas queixas, teus comentários,  
sobre a qualidade dos salgados.  
Kant converse contigo, já diz Oleare,

porque estás demasiado metafísico.  
“Quero coxinhas bem-fritas com aquela  
banha de, ao menos, 3 dias ressuscitados!”

Não venha de fake news pro meu lado.  
Se você não gosta deste menu então que vá  
comer ameixas, ou deixe-as, em outro bar.

## Obituário de uma cidade

Bandido bom é bandido torto  
desses que vivem na sombra  
pichando muros e Drummonds.  
Jardim da Penha é o labirinto  
onde minotauros se escondem  
entre as linhas negras das faixas  
de pedestre e as praças iguais.  
O líquido vermelho do sorvete  
escorre pelas ruas de Vitória,  
que se prepara para o carnaval.  
Este ano, todo bloco, em vez  
de bateria, vai levar dez tortos  
cada. Cada batida, percussão  
vai virar celebração, quando  
os gritos, ritmados, sambados,  
animarem a multidão, tum, tum.

## Vertigem

Dez horas, sol alto lá fora:  
cá dentro, só, dó, ré, mi, falta:  
flauta, cala a gaita, e toca um  
samba, bossa, jazz, Racionais,  
ritmo, poesia, um Sampaio:  
tudo que me faz (r)ir, voltar,  
para Santa Mônica, praia,  
Santa Úrsula, Cecília, ou  
seja, sem mais metal pesado  
que me faça engasgar na língua.  
Oito horas, tão, tão escuro  
que ele acorda, aterrorizado,  
com a cafeteira passando:  
tonto, vertigem, desse céu.

## Freezing Freiburg

For Hernán Matzkevich

No freedom of speech can unleash  
an embodied alien trapped within.  
The Wabash's waters are not enough  
to fill everyone's thirsty throats.  
Francisca keeps telling me to go back,  
even though she taught me to read.  
The school is great, but I lost my cap,  
and you know how I feel without thee.

Cornfields for eucalyptus, joes for cats,  
deer for dogs, M&Ms for serenades,  
these changes make no sense whatsoever.  
These verses make no sense whatsoever.  
What horrible things have I done, I ask,  
that a beast has more freedom than me?  
In class struggle, all weapons are good,  
rock, paper, scissors, knights, poems.

## Pray of exile

Ray, Ray,  
I miss the Guanabara bay...  
I miss the pollution,  
the traffic...  
(The bullets are missing me too)  
I miss walking on Ipanema,  
the ocean...  
No, no, I don't miss birds, or trees...  
I miss the waters of my mother Iemanjá...  
Ray, Ray,  
What now, Ray?

Ray, Ray,  
The sweet river is gone,  
And I am afraid your beloved San Francisco is next...  
And I haven't visited it yet, Ray.  
I haven't seen it.  
I've been to New York, Chicago, New Orleans, Madrid, Venice...  
But I haven't been in Rosa's country.

I haven't touched the waters of the San Francisco River,  
and I miss them too...

Ray, Ray,  
What now, Ray?

Ray, Ray,  
Vitoria is just an invisible city,  
waiting to be invented by some Hemingway.  
Our mud-pan artisans, our Dear Lady of the Rock, our Camburi  
beach,  
(I miss the waves and their sway)  
all still belong to the realm of ideas:  
waiting to find a way.  
Ray, Ray,  
This is why I pray:  
I ask that you go swim, go play,  
And tell the waters I'll be back one day.

## Cambio climático

El maíz sigue creciendo  
    en el frío de Indiana.  
Yo ya no estoy allí con él,  
    pero me siento feliz  
sabiendo que crece –  
    que los demás lo vean en paz  
y se impresionen con sus colores  
    que les sonrían de vuelta.

Acá hay muchos árboles,  
    pero no hay eucalipto,  
no hay Mangueira  
    con mangas rosadas  
para sorber.

Mientras tanto la villa vieja  
    sigue debajo del agua,  
mientras tanto  
    se siguen deteniendo

a la gente en las fronteras,  
se siguen haciendo a los niños  
prisioneros, aunque no tengan cualquier control sobre el clima.

Desde arriba del Mestre Álvaro  
el humo de Vitoria,  
sea del césped,  
sea del Valle,  
se confunde con el humo de las  
Smokey Mountains.

Sigo, pues,  
sin saber  
cuál es  
la estación  
correcta,  
ni tampoco  
dónde estoy.

Sudo hasta cambiarme en otro,  
estornúdame el otoño primaveral,  
me agobia la promesa de un invierno  
que ahorita me parece eterno.

## Brás

Erupções permanentes de ideias fixas,  
    emplastros, aleivosias, estalos, estilos,  
gênesis – borrachas jogadas pelos cantos –  
    duma estrada de praia pedregosa,  
enquanto caminhava tremendamente,  
    oscultei uma coisa que carpia:  
vinda detrás, tal qual uma máquina,  
    tomado de assalto esperei pa’ ver  
que me dizia: “Hás bebido do sacrossanto  
    cálice?” Estupefarto, diante de pergunta  
tão apócrifa, funguei, mexi nos bolsos,  
    passei o pé no chão fingindo tímido –  
locus amoenus –, depois olhei de frente,  
    cocei o casco, ia responder com outra coisa,  
mas passava um cavaleiro desossado  
    montado em um hipopótamo humanizado –  
“Talvez esteja morto e isto é delírio...  
    melhor me esconder em algum canto  
antes que a primeira virgem me apareça.”

## Quasimodo:quasemudo

Última flor romana, inculta e bélica,  
te he incorporado a outras flores, puras,  
– not all of them from the same root.  
Agora sou um trio de cordas elétricas.

Te quiero así, desde lejos y casi sin rimas,  
Hating to repeat how to say my name,  
but loving to hear unexpected sounds  
que encham meus ouvidos de saudade.

Amo o teu pocar chiado e o teu cheiro  
de selvas descabaçadas e de mar poluído!  
I freaking love you – oh painful language

em que da voz materna ouvi: “meu filho!”  
Por isso, uno-me a outros que desde o exílio  
lloraron sus tristezas aún que ya sin brío.

## Itaúnas

As dunas falam consigo  
    Contando suas histórias  
Alguns juram ver a tal cruz  
    A cada vez  
Em outro lugar

A areia fina não corta  
    Enquanto passa  
Devagarinho, assim,  
    Entre os cabelos  
E as fibras da blusa

O Tamandaré  
    O Buendía da vila  
Completa o retrato  
    Discursando o rio  
Que derrubava pontes

Era noutro tempo

Anterior aos trios

E ao buraco do tatu

Um tempo real

Cheio de mariposas

Era um tempo de pescadores

Em que o Quincas ainda vivia

E trabalhava dia e noite

Consertando um jeep velho

Que nunca ficava pronto

As areias mandavam recados

Por meio do único telefone da cidade

– E dos moleques que voavam

Por trocados de pessoas

Que os xingavam em seguida

As pessoas do outro lado

Dessas linhas

Pareciam não se dar conta

De que falavam com um passado

De tardes longas

## Lambari

Se podiam escutar os passos

Do velho Palermo

Andando pela casa

De madrugada

Flap, flap, flap

Faziam as havaianas

Do fantasma

Mas só quem dormia

No quarto lá de trás

Podia escutá-lo

Isso e os roncros

De dona Ana

RON-ppfffff RON-ppppfffffff

E seu cheiro de leite de rosas sulfúricas

Faziam daquele quarto o meu favorito

Quando desperto

Eu ficava olhando

Pra onde ele preparava

O presunto  
E a salsicha  
    E ficava imaginando  
Um italiano gordo  
    De risada alta  
Suando ao sol  
    E eu sorria  
E pensava no flap, flap, flap  
    Que me esperava  
Mas nunca pudemos  
    Conversar  
(Acho que ele estava muito ocupado  
    Preparando presunto  
De madrugada)  
    Flap, flap, flap

As águas mágicas da cidade  
    Curavam reumatismo  
        Curavam torcicolo  
            Curavam dor de ouvido  
Só não curavam o andar perdido

O boliche

Assim como os recados de Itaúnas

Funcionava a mãos de jovens

Que levantavam os pinos

Por um trocado

E a lembrança de cada strike

Me quebra por dentro

E peço perdão

Por ter jogado

A pesca era escassa

Cada lambari custava muito

E os cavalos

Me interessavam mais

## Rio de Janeiro

O verdadeiro Rio

O maior Rio

Não está nos cartões

Postais

Não passa nem perto

De garota

Nenhuma

O verdadeiro Rio

O melhor Rio

Começa na Tijuca

É dali pra lá

Esse é o Rio

Escondido

Subterrâneo

Erroneamente

Representado nos jornais

O verdadeiro Rio

Se percebe

Claro

Por todo o Rio

Até em alguns cartões

Postais

O verdadeiro Rio

Sabe que o Bangu

E o América

São dois grandes times

Injustiçados pela história

O verdadeiro Rio

Sabe, de verdade, quem foi Mário Filho

E não fica de boqueira no sinal

Por isso, o Rio está, como o sertão,

Em toda parte

E se repartem em diferentes

Lugares de acordo com o freguês

Pra mim um desses era um sítio

Que ficava às margens da Dutra

O verdadeiro Rio

Vem sempre

Escondido, invertido,

E sabe que não há nada mais bonito

Em todo o Rio

Que descer o alto da boa vista

No fim da tarde

Dentro dum Opala, ou dum busão

– Mas sabidamente o calam

Para que os turistas todos, todos

– Principalmente os paulistas –

Se percam no Rio falso

Enquanto buscam deus

No lugar errado

## Puerto Iguazú

Assim se desfaz um rio  
    Ali se cruzam línguas  
Que se sobrepõe mirando-se  
    Com desconfiança

As putas, ouvi dizer, têm as línguas  
    Mais destras, porque sobre elas  
Se deitam as três, mas se recusam  
    A falar qualquer coisa em Guarani  
Protegendo suas identidades

Há muitas Basanos  
    Há muitas rainhas do rio  
E há muitos príncipes  
    Que continuam a guerra  
Que enlouqueceu o imperador

Por aí se desfazem, sós,  
    Se escoam, se transbordam

Os sonhos de três povos  
As veias abertas  
Se transbordam  
Em cataratas  
Que deixam todos cegos

## Laguna de Cocinetas

Ni solo de arepas  
    (Que a veces se  
Llenan de cangrejo)  
    Viven los hombres  
El pan nuestro de cada día  
    Falta en el mercado  
Según me dijo Carlos  
    Desde su exilio  
El pabellón y sus plátanos  
    Sabén a Brasil  
(Caraca en Vitória  
    Es algo chévere,  
Pero también puede  
    Ser algo sucio)  
Todos parecen estar  
    Tan seguros sobre  
Lo que pasa aquí  
    Yo no sé lo que  
Veo, no sé dónde voy,

Y mis primos aquí  
Tienen historias que  
Aún no sé contar.

## Panamá City

Rubén dijo a Rubén  
    Que todavía no  
Había hablado con  
    Su Padre, Rubén,  
Sobre el embarazo de  
    Su esposa, Mara.  
Es un niño y piensan  
    Llamarle Rubén.  
Los Ucides de allí  
    Están casi extintos  
Porque su hábitat  
    Ha sido destrozado  
Por la modernidad.  
    Me imagino se Vix  
Se quedaría así  
    Si Casagrande hubiera  
Construido el metro.

El primer Rubén

Me dice que sí me gusta

El carnaval (y cómo no me

Iba a gustar, ¿coño?)

Debería visitar el Folsom Street

En California,

Pero no le creo y no

Quiero desengañarme.

## De Vitória a Barranquilla

Se dice que  
Los extranjeros  
Se amainan  
Al vivir en la ciudad  
De cielo azul  
Y puerto viejo

Pero u'sa, no  
Porque viene  
Desde Vitória  
Y todo allá  
Es espejo tuerto  
Para el cangrejo

Su famoso carnaval  
No sabe igual  
Ni sus playas tampoco  
Pero sus primos sí

Le hacen acordar  
De los capixabas

(Que también creen saber todo  
Y vivir en el mejor sitio del mundo)

## Recife

Aqui o defeso

É na rua

Junto com carros

Onde a chuva

Mistura pista

Mangue, tudo

Não é raro ver

U'sa em salsa

No mercado

Da Boa Vista

(Há um Hospital Real

Português

Num país sem rei

Há tempos)

U'sa aqui descobre

Raízes expostas

Protuberantes, de fora,

(Até de baobás)

Que o ajudam

A encontrar-se

## Coatzacoalcos

En la ciudad de las cobras  
    Nació Don Bustos y allí  
Creció antes de irse a Indiana  
    En la ciudad de las cobras  
Donde se comen los cangrejos  
    Que vienen de Tabasco  
Porque la ciudad de las cobras  
    Es otra que les ha dejado  
Sin casa, sin hogar, sin hábitat.

Don Bustos era el mánager  
    Del Rodeo y nos pagaba  
Los chupitos al precio de la  
    Conversación y el cariño  
Que le dábamos, mercábamos,  
    Y todos se volvían en  
Cangrejos borrachos y alegres  
    Mientras los niños corrían  
Y la risa nos llevaba de vuelta.

Un día el Rodeo se explotó  
    Vino el ICE y se llevó a todos  
Se acabaron los chupitos gratis  
    Se acabó la conversación  
Se acabó el único puto sitio  
    En que me sentía en casa  
Yo no estaba allí, pero lo sé,  
    De oídas, que Don Bustos  
Les trató bien a los predadores.

# Guarapari

Ita

Ita

Itabira

Ita

Ita

Itabuna

Ita

Ita

Itapemirim

Ita

Ita

Itaúnas

Ita

Ita

Itamar

Guarapari pedra angular

Que não tem ita nem nada

Nem água, nem Pedro

Nem padre, já nem Orlando

Guarapari colonizada

Pelos mineiros

Onde está o morro

Que subíamos pra visitar Monga

Única amiga da vida de dona Cecília

Que me dava as bananas

Mais doces que jamais provei?

O morro já não está

Tão pouco

Foi escondido

Pela praia

Que lhe roubou o nome

## Folhas de eucalipto

Cai a primeira folha e  
O pedreiro bate a laje construindo um terraço  
Onde antes não havia nada, nem pássaro se batia  
A mãe cozinha, lava, passa, limpa, varre e sorri  
Dizendo ao filho que não dê um copo d'água  
Ao outro escravo pra não sujar a louça, contaminar, transferir  
O corpo... suado, sarado, cansado, ali pra dentro

Ela já não aguenta mais fazer o tudo,  
Não, não, porque ela “não é empregada”  
O filho oferece ajuda, “não, vai ler vai, você é desengonçado,  
Capaz de me quebrar a louça, se cortar, sujar a roupa.”  
O filho, deitado no sofá, estirado, tevê ligada, mas lendo um  
livro,

Três livros, e mais algumas, muitas, revistas  
Cuidadosamente jogadas pra alegrar a mãe,

Levanta

Vai pegar o copo,

Escondido

Não porque não a ame

Não porque a queira desafiar,

Mas,

Apenas,

Porque

No fundo

Se identifica mais com o rapaz lá fora já que os dois ameaçam  
o status quo

Da louça, que deve permanecer perfeitamente branca,

Alva,

Intocável.

Cai a segunda folha

A José Anchieta Fontana

Era de barro

Nem sempre batido

Fora de um liquidificador

Os carros sofriam

Diziam todos

Sofriam

O pai tinha um baja

Amarelo

Um carro que parecia estar sempre sorrindo

E não creio se incomodasse com o barro

O paralelepípedo

Marchou o progresso

Manchou o protesto

Marcou o recesso

Da pelada na lama

Rodrigo e a mãe acharam incrível

Violentemente incrível

A novidade

A filha da Aldinha

Talvez Sofia

Pequena

Não teve opinião

Trabalha e confia

Trabalha

Confia

Fia

Agora pra jogar bola

Só na praia

Que ficava

A 6 quarteirões

Seis

Um dia

Eu não fui

Foram lá

Jogar

Eu não fui

Tava gripado

Não atravessei

Os 6 quarteirões

Os seis

Foram 7

Andando

Voltaram 6

Seis

Andando

Sofia não

Soltou a mão

Do Rodrigo

Correu

Um automóvel

Voando baixo

Foi mais rápido

Eu não fui

O pai carregou ela

Os braços em cruz

Os 6 quarteirões

Por uma outra via

Eu só pensava no barro

Que com certeza

Ainda está lá

Enterrado

Debaixo

Do paralelepípedo

Cai a terceira folha  
O menino brinca de casinha,  
Adora cozinhar, adora suas panelinhas  
O amigo do pai, o melhor,  
Aconselha,  
Aceitar é uma coisa,  
Criar pra ser menina é outra.

Mulher,  
Eu vou te dizer,  
Melhor doar esses brinquedos  
Isso não é coisa pra menino brincar, pronto, falei e disse.

Olha, há chefs homens. É só um brinquedo,  
Foi presente da minha mãe.  
Não esperava isso de você.

Como que não esperava?  
Fui criado pra cuspir no chão e brincar  
Com o pau na mão.

Baixinho  
(Tenho medo de

Que sua vida seja  
Dura)

Sua vida será dura de qualquer jeito.

Teu papel é não torná-la  
Insuportável  
Meu amado

Imbecil.

Caem mais algumas centenas, chacinadas  
Esse grande país deitado carnalmente em berço sujo  
Acima de todos, postos de quatro, país alugado,  
Está cheio de vates, de hastes, de trastes, que buscam  
Pelo planalto central, pela Dutra, pela pampa  
Pelas ruas do Recife, da infância querida de alguém,  
A poesia das coisas, das ruas, dos estados,  
(Que se suelen nombrar en todos menos en el Espírito Santo)  
Mas que se esqueceram das pessoas  
Que não leem, que não veem nada que não seja novo  
E que, surdas-mudas, não podem ouvir outras vozes  
Outras opiniões. Todos estão cada vez mais  
Escondidos dentro de suas cascavernas e por isso  
Devemos gritar-lhes poesia da entrada.

Se colam umas folhas juntas, recicladas  
As empregadas domésticas estavam quase extintas

A dona nunca quis empregada, porque tinha medo  
Que lhe roubassem as calcinhas

Não quis aprender a dirigir  
Não quis aprender profissão  
Além da fissão de cuidar  
Do lar

Hoje sabe  
reconhece

Vê

A loucura dos demais  
Mas ainda gosta  
Do cheiro das folhas de eucalipto

Essas folhas  
Não são como folhas de grama  
Não inspiram ninguém a escrever nada  
Não valem este papel em que (talvez) se publiquem

Voltam a cair folhas e  
O barbeiro sorri enquanto diz um palavrão  
    Reclamando do resultado do jogo da noite anterior  
Ele é gremista, gaúcho, e tem que ouvir sozinho  
    As piadas de todos os seus clientes  
Mas escolhe ignorá-los  
    Porque todos se creem cariocas  
Diz que vai demorar pelo menos uma hora  
    Talvez hora e meia  
Oferece a pilha de revistas de mulheres nuas  
    Todas, todas, peladinhas,  
Ao pelo, natural, ou pintadas, muito pintadas  
    De loiro, claro

Lembro de uma  
    A da Adriane Galisteu  
Que na casa do meu tio Bolão ficou com as páginas grudadas  
    Dizia meu primo  
Brincando

Eu não quero mais brincar

Cai a última  
Um anjo me visitou ontem  
    Não estava rodeado de luz  
Não era loiro  
    Não tinha asas  
Era um desses anjos antigos  
    De que muitos se esqueceram  
Um anjo alemão aterrador  
    E me disse que me afogasse  
Em todas as folhas  
    Dos caídos

## Blue Plum

An alien walks down State of Franklin.  
He looks lost and people stare at him  
Wondering what his motivations are  
(Others are always aliening from afar).

He is a mangrove crab out of water  
And although the blues fit him well  
His blood does not have the right tone...  
But he feels at home in this blue plum.

The Tweetsie Trail offers free rides  
To a past of long forgotten immigrants  
Who volunteered against their will.

This crab makes footprints, a path,  
Through the bluegrass, the old rails,  
Moving sideways towards the sun.

## New Orleans

O motorista do táxi-bicicleta

Me conta, ao ouvir Purdue,

Que se mudou prali

Depois de terminar a facu em MSU

Buscava a fonte da juventude

O diz enquanto pedala

E para escutá-lo

Devo ignorar que converso

Com sua bunda

Que sobe e desce

Sobe e desce

Sobe e desce

Depois me pergunta

Se me importaria de mostrar o dedo médio

Pra sua amiga

Também taxiclista

Porque brincam de quem convence

Mais passageiros

A mostrar o dedo, subir o dedo

Baixar o padrão

Xingar o patrão

E me levanto, e grito,

E giro o dedo pra rua toda

E rimos

Todos riem de volta, livres, leves

Na big easy, que não tá fácil

Pra ninguém, meu benhô

Não, não tá, beignet

Nem todo açúcar do mundo

Pode adoçar o diabo

Vestido de calcinha vermelha

Dançando com a máscara

Do então futuro presidente

Enquanto mais gente se ri

E joga dinheiro em um chapéu

No French quarter

Uma mulher me agarra

Me joga álcool na boca e diz

“It’s \$10 bucks, hon”

Esteban quiere hablar con unas  
    Doncellas del partido  
Y se enoja porque les contesto  
    La pregunta y me voy

Durante la ponencia  
    Sobre cómo echaron a Nayara Justino  
Un hombre se levanta la mano  
    Para quejarse  
De que mi carnaval  
    Tiene más mujeres  
Desnudas  
    Que el suyo  
Y que por eso  
    Las tienen que seguir importando

## Chicago

A magnificente mile  
    É um saco  
De estrume, enfeitado  
    O Pier é bonito  
E a roda gigante  
    Faz a gente se sentir  
Num filme da sessão da tarde  
    E aguentar o frio  
E o vento dos políticos  
    Que continuam  
Soprando desde o Hancock  
    Até a outra torre  
Que muda de nome de acordo  
    Com quem paga mais

O nome dele está escrito  
    Em CAPSLOCK,  
Por cima do Rio, verde  
    Ali muitos param

Pra tirar fotos

E repetir o meu gesto

De New Orleans

Mas ninguém ri

A pizza é uma torta

E os taxistas são melhores

Que o Uber, porque são guias

Dos cegos, de todos

## New York

Falas presas pelo frio

Na fila dos Falafels

Que não se assustam

Ao ouvirem outras línguas

O menino de 9 anos se lembra

Da viagem de anos atrás

À grande maçã

E suas brincadeiras dentro da ToysRUs

Que já não está ali

Tantas, tantas histórias

Que já não estão ali

Mas que tampouco estão em Vitória

Muitos tiram fotos em frente ao LOVE

Muitos choram onde atiraram no Jonathan

Não há um Central Perk

Mas é como se houvesse

Imagino um muro dividindo a cidade

Nova Iorque do Leste

Nova Iorque do Oeste

Imagino as famílias ali  
Divididas por esse novo muro  
E as crianças presas em jaulas  
Que ficariam espalhadas pelo parque  
Ou em diferentes áreas  
(Os novos campos de Giuliani)  
As sirenes tocam o tempo todo  
Num incêndio que não se apaga nunca

## Phoenix

De verdade é como um pássaro de fogo  
    Esse deserto de flores plantadas na areia  
Onde os caramelos se derretem ao sol  
    Enquanto buscam os sentidos de viver  
Mas aí não falta água, não faltam risos  
    Não falta comida  
Não vi retirantes se retirando  
    Não vi Severinos severinando  
E ainda comi um açaí  
    Com certeza de alguém  
Que trocou um sol por outro  
    Talvez os cactos tenham mais água  
Que as folhas de palma  
    Ou talvez a diferença seja que  
Os gigantes de pedra aí dormem  
    Enquanto lá estão despertos  
E bebendo todo o néctar  
    Enquanto obrigam  
As gentes a fugir rio adentro, rio afora

## Houston

A estação rodoviária  
    Me lembra a de Vitória  
Inclusive no olhar das pessoas  
    Com medo  
Todos parecem ter pressa  
    De sair da rua  
Mas ninguém caminha  
    Nem um passo

As cores e a fumaça  
    Me lembram Sampa  
E talvez por isso fico pouco aí

Uno se imaginaria  
    Que allí el prejuicio sería menor

Pero no es así  
    No, no es

Así

...

Mis cuates conducen con más miedo en los ojos  
De que la gente que camina por la calle  
Porque, aun que tengan papeles,  
les pega un agobio que les calla hondo  
sobre cómo se los van a mirar  
sin subjuntivo  
los policías

El mayor problema allí no son los cohetes  
ni los huracanes  
Pero los ojos

## Washington D.C.

O Uçá,

Depois de muito

Perambular de lado

chegou à Capital

Do USA

Não sabe ao certo

Qual das estátuas

Deve adorar primeiro

Ou em qual templo

Precisa entrar

O menor embaixador

Do mangue

Você tem um dólar solto,

Patrão?

Nem mais limpa,

Nem mais suja

Todos presos  
Pelo gelo

Se aceita, lhe dou uns versos  
Que ainda não sei se valem algo  
Mas serão seus para fazer o que quiser  
Talvez gritar, talvez vender

Oh, no thank you, please keep them  
Publish them, write them  
Polish them, wave them  
Hold on to them, send them  
Overseas, overchills, because I am already  
Overbearing with poetry

Incorpore-me, do avesso,  
À sua carapaça,  
Leve-me em seu cambaleio  
Pelo caminho  
Como se escutasse  
Barrios  
O tempo todo

E caminhasse pelas  
Pampas do Paraguai

Diante de Lincoln

Uçá diz, dançando,  
Uçá, uçá, uçá

U'sa, u'sa, u'sa  
Urra, urra, urra  
Suá, suá, suá

U'sa

U'sa

U'sa

Findo, Uçá se levanta  
Ajeita o casco  
E se prepara pra voltar  
pá trás

## De volta à Ithaca

U'sa, se esconde aqui  
    Ou vão te conhecer  
Por essa cicatriz  
    Da luta com Briareo

Tua Beatriz, não, péra,  
    Tua Penélope te espera  
Não, não, você a levou  
    contigo, lembra?

Tá voltando pra que, então?  
    Vai pra Cuba ou pra Venezuela  
Não te queremos aqui não  
    Guayamuna  
Esquerdo (sem) pata  
    A pátria que me pariu

U'sa, U'sa,  
    Vai, cordato,

Cruzando a terceira ponte

Por baixo

Sem pagar, assim,

Pedágio

Tem medo

De todos os pretendentes

A sua ínsula

Es ancho

el camino

Pero pequeña

la puerta

del aeropuerto

Y ya no sabemos cómo les va a recibir

Ni si les va a entender

A los que desde allí se marcharon

Island

isla

ilha

U'sa talvez te reconquistará

Melhor que Caminha

Com as letras que traz do Império

Ou talvez volte pra morrer na praia

## Posfácio

Felipe Fiuza, neste livro poético de estreia, inscreve-se em uma linhagem: ou melhor, convida-nos a seguir com ele o fio vermelho da vida – esse fio que atravessa o ordinário e o literário, ambientes discursivos que, suspeitamos, talvez se façam aqui uma coisa só. Ao transitar por entre espaços geográficos físicos e fictícios, por entre a língua própria e as apropriadas, por entre registros chulos e eruditos, a obra pauta a condição de contínua transitoriedade, movimentação e polivalência humana (que é dele, pessoa empírica, mas também de todas as *personas* líricas que nos habitam). Sinto-me, pois, feliz e preocupada ao me reconhecer, ao reconhecer muitos de nós, ali em suas páginas.

Principiamos a leitura ouvindo uma voz poética meio xamânica, meio clássica, fazendo invocações: nos primeiros versos do primeiro poema (“Descaminho”), vaticina-se: “Toleima: imigrantes somos todos, / ou ninguém, / nenhum”. Embora percamos na transcrição a espacialização dos versos na página, o leitor experimentado encontra nessas poucas palavras a poesia de Drummond, o garimpo linguístico próprio à prosa de Rosa, o teatro de Gil Vicente e as falas de personagens emblemáticas que vão do épico Odisseu de Homero ao padeiro lírico do cronista Rubem Braga. E é só o início.

Assim faz-se *Ucideia*: Fiuza forja um espaço-tempo literário de caranguejos – nós mesmos –, esses seres que se movimentam entre a lama e o esplendor das águas, cujas carapuças se transformam ao longo da vida, que andam sempre de lado, e atravessam todo o extenso continente americano. É assim também que me vejo, que me flagro: generosamente acolhida,

como amiga do sempre extrovertido pessoa-física Felipe; ao mesmo tempo desafiada por sua obra exigente, fragmentada, cosmopolita-e-capixaba (no que pode haver de paradoxal nisso tudo), como crítica convocada pelo criador para estas palavras.

O fato de o livro ter sido premiado com o primeiro lugar no IV Prêmio Ufes de Literatura 2019/2020, por um júri especializado de poetas críticos experimentados, evidencia que há algo aqui de único, de próprio, de singular, de notório, a que precisamos estar atentos: feito caranguejo-uçá, ouvindo o vento, esperto e desconfiado.

Vitória, primavera de 2019.

***Maria Amélia Dalvi***

*Escritora e professora da Universidade Federal do Espírito Santo*



O que é uma bio? Aqui vão algumas pistas, mas, ah, Passamonte... Vitória, Brasil, 1982. Professor, Aflordízio, 2000. Letras, Ufes, 2005. Brunella, 2007. Ufes, mestrado, 2009. João Lucas, 2009. Lafayette, Indiana, 2010. Gabriella, 2016. Defenda-te ou te devoro: Purdue, Ph.D, 2017. Johnson City, Tennessee, 2017, ETSU, professor, diretor, intérprete e tradutor. *Ucideia*. Poeta! *Cousas futuras? Assim disse um velho sertanejo* – romance baseado em um manuscrito encontrado no Recife escrito por seu bisavô, o coronel Mario Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti –se publicará.

*Ucideia*, palavra inventada, um quase anagrama sonoro de odisseia, que batiza e baliza um vasto território, dentro do qual se move o poeta, esse ser em constante exílio em sua própria terra e em terra alheia, a ser conquistada e palmilhada, passo a passo, num périplo sem bússola, mapa ou GPS, mas apenas armado com a cara e a coragem, a carapaça e puás do seu animal totêmico: o caranguejo uçá, aqui, U'SA, acolá.

Poesia de contato, de trânsito entre línguas e culturas, que flagra, com farta dose de humor e alguma melancolia, encontros e desencontros, e que ativa a memória, tanto a pessoal como a memória coletiva, filtrada pelas citações, paródias e paráfrases da literatura e da MPB.

Poesia de viagem, *Ucideia* incide nos signos da errância do poeta, para levar o leitor a também embrenhar-se *on the road*, no reino das palavras e da invenção. Por essas e outras razões, saudemos Felipe Fiuza, com seu lirismo atravessado de ironia, mas, nem por isso, inautêntico.

**Diana Junkes (UFSCar)**

**Raimundo Carvalho (Ufes)**

**Susana Souto Silva (Ufal)**